

A LOUÇA EM LIXEIRAS URBANAS: REFLEXÕES SOBRE ATRIBUTOS, DATAÇÕES E CONSUMO EM PORTO ALEGRE

*Fernanda Tocchetto**
*João Gabriel Toledo Medeiros***

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o uso de datas relativas a períodos de produção de peças de louça importadas, recuperadas em sítios históricos oitocentistas, situados no Município de Porto Alegre (RS). Tecendo considerações sobre presenças e ausências de duas decorações presentes em peças de faiança fina – a carimbada e o Padrão Trigoal – provenientes de lixeiras coletivas e de unidades domésticas, sugerimos que, para o estabelecimento dos períodos de formação mais intensa dos depósitos de lixo, informações relativas aos principais centros produtores não deveriam ser priorizadas. Abordar aspectos sobre o consumo de artigos exige um enfoque dirigido a especificidades dos contextos nacional, regional e local.

Palavras chaves: faiança fina, datações, consumo no século XIX.

* Coordenadora do Programa de Arqueologia Urbana de Porto Alegre, Museu Joaquim José Felizardo. Endereço: Rua João Alfredo, 582, Porto Alegre, RS, 90050-230. tocchetto@smc.prefpoa.com.br.

** Acadêmico do Curso de História da PUCRS e estagiário da AMRGS. Endereço: Av. Ipiranga, 5311, Porto Alegre, RS. joagabrieltolledo@yahoo.com.br.

Abstract

This article proposes a reflection about the use of dates related to the production periods of imported ware pieces, recovered at historical nineteenth century sites in Porto Alegre (RS). Considering the presences and absences of two decorations found in earthen ware pieces – the cut sponge and the Trigal Pattern – proceeding from collective garbage areas and households, we argue that, for the establishment of the more intense formation periods of the garbage deposits, information related to the main production centers should not be prioritized. Approaching aspects about article consumption demands focus on the specificities of the national, regional, and local contexts.

Key words: earthen ware, dates, consumption demands at nineteenth century.

Neste artigo propomos uma reflexão sobre a utilização de dados relativos a peças de louças recuperadas em sítios arqueológicos históricos do século XIX. Usualmente, são utilizadas datas de início e de final de produção das peças para a indicação do período de ocupação mais intensa dos sítios¹. Considerando acontecimentos históricos do Brasil e períodos de produção e de popularidade do consumo de peças com determinados atributos nos países de origem, levantamos questões quanto a presenças e ausências de decorações, aplicadas às peças de louça importadas, relacionadas a datações dos sítios e a períodos de consumo em escala local.

¹ Como em Symanski (1998a, 1998b), Tocchetto (2004) e Santos (2005) para os sítios estudados neste artigo.

² Sobre a faiança fina recuperada nas camadas de depósito de lixo dos sítios Mercado Público Central e Praça Rui Barbosa foi elaborado um catálogo denominado *A faiança fina em Porto Alegre. Vestígios Arqueológicos de uma Cidade* (Tocchetto et al, 2001).

Esta reflexão foi realizada utilizando dados de oito sítios arqueológicos situados em Porto Alegre, ocupados no século XIX e pesquisados no âmbito do *Programa de Arqueologia Urbana de Porto Alegre*, gerenciado pelo Museu Joaquim José Felizardo, órgão da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre. O material arqueológico foi recuperado em áreas de depósito de lixo dos sítios, identificados como quatro lixeiras coletivas e quatro unidades domésticas. O refugo, em ambos os tipos de sítios, caracteriza-se como secundário, tendo em vista que o descarte ocorreu em outro local que não o de seu uso (Schiffer, 1991).

I. Considerações sobre os Sítios Arqueológicos

As lixeiras coletivas apresentam, em sua composição, camadas formadas pelo descarte de lixo cotidiano nas margens do lago Guaíba e no seu antigo leito. Nestes depósitos de lixo coletivo, localizados nos sítios Mercado Público Central (RS.JA-05), Praça Rui Barbosa (RS.JA-06), Praça Parobé (RS.JA-19) e Paço Municipal (RS.JA-20), todos situados no Centro Histórico de Porto Alegre², ocorre a presença de uma camada muito úmida, preta, com material arqueológico dos séculos XVIII e XIX, além de restos orgânicos. Visando a reestruturação dos espaços urbanos, camadas de aterros cobriram, em diferentes momentos do século XIX, os refugos descartados pela população urbana. Os aterros, com exceção do efetuado para construção do Mercado Público Central, continuam lixo descartado nos locais de origem dos solos.

Schiffer (1991) argumenta que a acumulação de refugo secundário em pontos determinados é uma característica de meios urbanos e que há uma tendência em se jogar o lixo onde outros já o fizeram, levando a um crescimento do depósito. As medidas oficiais relativas às preocupações com o lixo nas sociedades modernas, parecem acentuar esta tendência de acumulação dos refugos em locais onde ocorre descarte (Tocchetto et al, 2001). As áreas identificadas como lixeiras coletivas coincidem com os dez pontos determinados, em 1837, pelo Código de Posturas Policiais³, nas margens do lago Guaíba⁴.

É importante informar os períodos de formação dos depósitos de refugos nas lixeiras coletivas, obtidos a partir de informações históricas:

a) Mercado Público Central (RS.JA-05): anteriormente aos aterros realizados entre 1853 e 1864 para construção do prédio;

b) Praça Rui Barbosa (RS.JA-06): anteriormente a 1879, ano em que a área foi aterrada para instalação do logradouro;

c) Paço Municipal (RS.JA-21): anteriormente aos aterros realizados para o início da construção da segunda Doca do Mercado Público, em 1864, e para a construção do Palácio da Intendência, em 1898;

d) Praça Parobé (RS.JA-19): anterior-

mente aos aterros realizados para construção da Doca das Frutas, entre 1844 e 1852, e para instalação da Praça Parobé, em 1919.

As quatro unidades domésticas pesquisadas foram o Solar da Travessa Paraíso (RS.JA-03), o Solar Lopo Gonçalves (RS.JA-04), a Casa da Riachuelo (RS.JA-17) e a Chácara da Figueira (RS.JA-12). As unidades domésticas são sítios que se caracterizam como espaços domiciliares que cumprem as funções de abrigo e repouso, onde o grupo doméstico se alimenta, se diverte, amadurece, procria (Laslett 1972 apud Beaudry, 1984), e também trabalha, como no caso de vários domicílios urbanos e periféricos, cumprindo também funções de produção no Brasil oitocentista. Tratar a casa como suporte para a realização das práticas cotidianas e interação dos seus habitantes implica penetrar no espaço da vida doméstica e da intimidade⁵ (Lima, 1995). Os estudos nos sítios arqueológicos históricos devem abordar a unidade doméstica como uma estrutura⁶, onde diferentes testemunhos (como habitação, poço, cisterna, lixeira, muro, etc.) e espaços considerados como área de serviço (pátio, quintal, jardim, etc.), estão relacionados, e enquanto uma unidade de assentamento⁷, incluindo os elementos fixos e semi-fixos⁸, no caso os ob-

³ Código de Posturas Policiais estabelecido pela Câmara Municipal, Cap. 50, editado em 1838 (Arquivo Histórico Moisés Velinho).

⁴ Thiesen (1999), em um mapa de Porto Alegre de 1839, plotou os dez pontos autorizados para o descarte de lixo, mostrando a sua coincidência com os sítios arqueológicos identificados.

⁵ Sobre estes sítios, conferir Tocchetto, 2004.

⁶ Segundo Leroi-Gourhan (1972:325), *entende-se aqui por estrutura a trama de relações unindo diferentes testemunhos que constituem um agrupamento significativo. A pertinência do agrupamento está fundamentada sobre a repetição de situações análogas (...) e ou sobre a conexão entre os elementos de um mesmo testemunho (...)*.

⁷ Beaudry (1984) recomenda o uso do conceito *homelot* ou conjunto doméstico, como uma estrutura do estudo arqueológico das unidades domésticas, visando recuperar todas as informações sobre as atividades do sítio.

⁸ Segundo Rapoport (1997:13), os elementos fixos (*fixed-feature*) consistem em edificações, muros, pisos, etc; os semi-fixos (*semi-fixed-feature*), em "móveis", interiores e exteriores; os não-fixos (*non-fixed-feature*), em pessoas e suas ações.

jetos que foram descartados, originando os depósitos de lixo nos pátios das casas.

Estas unidades domésticas estão localizadas em diferentes bairros do Município de Porto Alegre: na atual malha urbana densa – Casa da Riachuelo (bairro Centro), Solar Lopo Gonçalves (bairro Cidade Baixa), Solar da Travessa Paraíso (bairro Menino Deus); em área periférica ao núcleo urbano principal – Chácara da Figueira (Morro Santana, no limite com o Município de Viamão). Os materiais arqueológicos dos sítios foram recuperados nas áreas de descarte de lixo identificadas, situadas nos fundos das residências. Os depósitos tanto foram resultados de descarte aleatório, como de preparação de buracos para dejeção. O refugio, nestes casos, é secundário. Somente no sítio Chácara da Figueira (RS.JA-12), ocorreu a presença do refugio de fato, considerado como resultado de um processo de abandono da unidade doméstica. Segundo Schiffer (1991:89), “o abandono é um processo por meio do qual um lugar – uma área de atividade, estrutura ou um assentamento inteiro – é transformado em contexto arqueológico”, por diferentes razões. O refugio de fato consiste naqueles itens culturais – sejam semi-fixos ou fixos – que foram deixados para trás quando ocorreu o abandono de uma área de atividade.

II. Relações entre as faianças finas decoradas e os períodos de ocupação dos sítios arqueológicos

Observando as presenças e ausências de determinadas decorações nas peças de

faiança fina importadas, provenientes das lixeiras coletivas e das unidades domésticas estudadas, e relacionando-as com o estabelecimento dos períodos de ocupação dos sítios históricos, percebemos que podemos incorrer em erros se utilizarmos as datas iniciais e finais de produção como únicas informações. Ao desconsiderar outros fatores intrinsecamente relacionados ao consumo de mercadorias, estaremos priorizando informações relativas aos principais centros produtores, e não quanto a especificidades de contextos locais e regionais. Pensar o consumo de artigos exige que se leve em consideração aspectos como o contrabando, a comercialização e distribuição de bens, pelos centros produtores, aos mercados consumidores, o acesso, a oferta e a aquisição, a moda e as singularidades influenciando escolhas.

Como um exercício sobre estas questões, selecionamos duas decorações presentes na faiança fina – a técnica decorativa carimbada (figura 1) e o Padrão Trigal (figura 2). Esta escolha deu-se em função de ausências e presenças observadas nos sítios estudados, contemplando os períodos de formação dos depósitos arqueológicos e os de produção desta louça.

A técnica decorativa carimbada ou *cut sponge* consiste na aplicação de um carimbo sobre a superfície cerâmica da peça a ser decorada. Os motivos mais comuns encontrados são florais e geométricos, geralmente aplicados em seqüência entre frisos coloridos. O início do período de produção foi no ano de 1845, estendendo-se ao início do século XX (Majewski & O'Brien, 1987).



Figura 1 - Fragmentos de xícaras, malgas e prato decorados pela técnica carimbada, provenientes do sítio Praça Rui Barbosa (RS.JA-06) (Acervo Museu Joaquim José Felizardo/SMC).

O Padrão Trigal é representado por ramos de trigo em relevo moldado, destacando-se na superfície da peça. Sua produção iniciou em 1851 por Edward Walley's, na Inglaterra, e foi chamado, até o final do século XIX, de *Ceres*. Segundo Sussman, este padrão continuou sendo produzido durante o século XX (Sussman, 1985:12-13 apud Symanski, 1998a:183).



Figura 2 - Fragmentos de prato decorado com o Padrão Trigal, provenientes do sítio Casa da Riachuelo (RS.JA-17) (Acervo Museu Joaquim José Felizardo/SMC).

Tabela 1 – Número mínimo de peças (nmp) decoradas por sítio arqueológico - lixeiras coletivas

Decoração da louça	Mercado Público (aterros 1853/1864)	Praça Rui Barbosa (aterro 1879)	Paço Municipal (aterros décadas de 1860 e 1898)	Praça Parobé (aterros décadas de 1840 e 1919)
Carimbado início de produção: 1845	10 nmp	55 nmp	43 nmp	8 nmp
Padrão Trigal início de produção: 1851	2 nmp (1 peça no aterro)	4 nmp	7 nmp	3 nmp
Total de peças de louça	2478 (30% do total da amostra)	1691 (38% do total da amostra)	2712 (69% do total da amostra)	2615 (54% do total da amostra)

Tabela 2 - Número mínimo de peças (nmp) decoradas por sítio arqueológico – unidades domésticas

Decoração da louça	Casa da Riachuelo ocupação: 1828 - 1875	Solar Lopo Gonçalves ocupação: 1840-50/1892	Solar da Travessa Paraíso ocupação: 1840-50/1899	Chácara da Figueira ocupação: 1840-50/1899
Carimbado início de produção: 1845	3 nmp	14 nmp	9 nmp	7 nmp
Padrão Trigal início de produção: 1851	6 nmp	8 nmp	26 nmp	6 nmp
Total de peças de louça	268 nmp	296 nmp	255 nmp	135 nmp

Com relação às Tabelas 1 e 2, observamos o que segue:

1 – Decoração Carimbada: embora o início de produção tenha sido em 1845 (Majewski & O'Brien, 1987), percebe-se uma baixa incidência no Mercado Público (10 nmp). A maior incidência ocorre na Praça Rui Barbosa (55 nmp) e no Paço Municipal (43 nmp). A área em que o Mercado está localizado foi aterrada entre 1853 e 1864, provavelmente em diferentes momentos, cobrindo a área de descarte de refugos. Já os aterros da Praça Rui Barbosa e do Paço Municipal foram posteriores - 1879 e 1898, respectivamente. Os aterramentos selaram os depósitos de lixo. A formação destes deu-se anteriormente às datas mencionadas quanto à colocação dos aterros nos sítios. A frequência de pe-

ças com a decoração carimbada nos sítios Mercado Público, Praça Rui Barbosa e Paço Municipal indica uma maior popularidade do consumo de louças com essa decoração após a década de 1860. Em Buenos Aires, Schávelzon (1991) informa que a popularidade deu-se após 1870. Nas unidades domésticas, a maior incidência ocorre nos sítios ocupados até o final do século XIX – Solar Lopo Gonçalves (1892) e Solar da Travessa Paraíso (1899), confirmando a possibilidade acima apontada.

2 – Padrão Trigal: embora o início de produção tenha sido em 1851 (Sussman, 1985 apud Symanski, 1998a), observa-se baixíssima incidência nas lixeiras coletivas. Nas unidades domésticas também a presença não é significativa, com exceção do Solar da Travessa Paraíso, ocupado até 1899. Symanski (1998a) comenta sobre a presença deste padrão nos sítios de Porto Alegre. Verifica sua baixa incidência nos sítios anteriores a 1875, sugerindo sua popularidade nas últimas décadas do século XIX. Segundo Sussman (Sussman, 1985 apud Symanski, 1998a), o pico de produção do Padrão Ceres deu-se entre as décadas de 1870 e 1880. A frequência do Padrão Trigal no Solar Lopo Gonçalves aumenta na camada arqueológica relativa ao final do século XIX e início do século XX (Camada I), indicando uma maior popularidade neste período. Foram recuperadas três peças, na Camada II, no ponto de deposição preferencial de depósito do último quartel do século XIX. Outras cinco estão dispersas na Camada II. Na coleção do sítio, existem 14 peças que foram recuperadas na Camada I, relativa à última década do século XIX e ao século XX, em diferentes pontos de deposição no pátio do Solar.

Observa-se, assim, que o consumo das louças decoradas com o Padrão Trigal,

possivelmente tenha ocorrido no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, estimulado pela produção nacional. Symanski (1998a) menciona que todas as peças encontradas na Camada I do sítio Solar Lopo Gonçalves são de produção nacional, ocupado continuamente do século XIX ao XX. Ângela Maria Cappelletti⁹, durante o monitoramento das obras do Conduto Forçado Álvaro Chaves, recuperou um fragmento com marca da Indústria Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM), com início em 1927 (Carvalho, 2008:32). A área de abrangência de construção do Conduto Forçado Álvaro Chaves foi ocupada no final do século XIX e início do XX.

Symanski (1998a) comenta sobre a baixa qualidade da pasta das louças nacionais e sobre a substituição dos produtos importados por artigos de produção interna. Conclui que, provavelmente, a indústria nacional tenha aproveitado a aceitação do mercado, desde os oitocentos, de um artigo decorado com um padrão de origem inglesa para fomentar o consumo local, com produtos mais acessíveis, embora de pior qualidade.

Para colaborar com esse exercício, vamos apresentar um recurso utilizado para inferir o período de ocupação mais intensa do sítio arqueológico. Trata-se do modelo cronológico proposto por Stanley South (1978), elaborado através da montagem de gráficos de barras com dados oriundos das análises dos materiais arqueológicos recuperados. Trata-se de uma “projeção dos intervalos de produção de cada tipo em barras e a sua ordenação em seqüências (...)” (Lima et al, 1989:92). As datas iniciais e finais de produção de determinados atributos observáveis nas peças são indicadas por linhas horizontais. Duas barras verticais, que deverão cortar

⁹ Informação pessoal.

ou tocar pelo menos metade das linhas horizontais, irão apontar o intervalo no qual pode ter ocorrido maior intensidade de ocupação do sítio, isto é, o tempo de vida do objeto no seu contexto de uso. A barra da direita deve tocar a data referente ao início de produção mais recente (South, 1978). Trata-se de um gráfico indicativo.

Tocchetto (2004) apresenta gráficos de barras como indicativos de períodos de ocupação mais intensa das quatro unidades domésticas nesse artigo estudadas. Foram utilizados artefatos de louça e de vidro recuperados nas lixeiras, resultando nos seguintes períodos: sítio Casa da Riachuelo, entre 1828 e 1875; Solar Lopo Gonçalves¹⁰, entre 1840 e 1892; Solar da Travessa Paraíso, entre 1840-50 e 1899; Chácara da Figueira, entre 1840-50 e 1899 (os períodos de ocupação mais intensa estão indicados nas tabelas 1 e 2). Se considerarmos somente os atributos da louça para elaboração dos gráficos, o resultado seria um pouco diferente em alguns sítios, como no Solar Lopo Gonçalves, entre 1840 e 1885 (Symanski, 1998a); Solar da Travessa Paraíso, entre 1840 e 1885 e Chácara da Figueira, entre 1840 e 1885.

A partir das reflexões sobre as presenças e ausências do Padrão Trigal nas lixeiras coletivas e nas unidades domésticas, a barra da direita dos gráficos elaborados, relativos aos períodos de produção da louça, deveria avançar para o final do século XIX. Em três unidades domésticas - Casa da Riachuelo, Solar Lopo Gonçalves e Chácara da Figueira - o período final de ocupação mais intensa se estenderia. A discussão sobre as lixeiras coletivas indica o final dos oitocentos para início da popularidade das louças decoradas com Padrão Trigal em Porto Alegre. As datas finais para as unidades domésticas, então, se aproximariam das datas finais indicadas

pelos gráficos de barras elaborados a partir de atributos de peças de vidros: Solar Lopo Gonçalves – 1892 (Symanski, 1998b), Chácara da Figueira - 1899 (Tocchetto, 2004).

III. Considerações sobre as Informações Arqueológicas e Contextos Históricos

A alteração das datas finais da ocupação mais intensa dos sítios sugere que devemos ter cautela em utilizar datas de início e de final de produção de peças pelos centros produtores.

Quanto às datas de início de produção devemos considerar um fato histórico de extrema relevância: a abertura dos portos às Nações Amigas em 1808. Anteriormente a esta data, o consumo era restringido em virtude do pacto colonial e do monopólio português, além dos entraves à produção de bens no país (Lima et al, 1989). Normalmente, nos gráficos de barras inserimos datas de início de produção anteriores a 1808, o que prejudica uma leitura do intervalo de vida dos objetos nos seus contextos de consumo, comprometendo o estabelecimento do período de ocupação mais intensa do sítio. Novamente, aqui devemos considerar as especificidades locais históricas. Somente pela via do contrabando poder-se-ia ter acesso aos bens que não fossem de países com os quais Portugal comercializava. Denise Ognibeni (1998) reflete sobre o comércio ilícito de bens na região do Prata e no Rio Grande do Sul, anteriormente a abertura dos portos, interpretando assim a presença de determinados artefatos no sítio arqueológico RG-23/Barra Falsa, situado no sul do Estado.

¹⁰ Informações obtidas em Symanski, 1998a e 1998b.

Ao se pensar o período de ocupação dos sítios arqueológicos, devemos levar em consideração que os centros produtores expandiam-se sobre as nações periféricas, buscando a ampliação dos mercados consumidores e inserindo maciçamente seus produtos industrializados. O imperialismo deste período, na América Latina, traduzia-se pela dominação econômica e pela pressão política, sem conquista formal (Hobsbawm, 2008).

Seguindo a lógica da economia mundial, com o desenvolvimento do capitalismo industrial, podemos pensar em duas possibilidades, não excludentes num primeiro momento, sobre a chegada dos produtos no Brasil: 1) a popularidade e os modismos nos locais de origem poderiam levar à expansão do comércio a mercados consumidores periféricos; 2) esgotados os mercados internos e passados os modismos, a indústria ceramista despejaria, em países periféricos, os artigos já fora de moda, ampliando a acumulação de capital. Para interpretação de contextos arqueológicos, Symanski (2002) buscou, no modelo centro-periferia de Immanuel Wallerstein, instrumentos para o estudo do consumo da louça em sítios históricos de áreas urbanas e rurais do Brasil, demonstrando a pertinência deste viés teórico.

Antes de se estabelecer possíveis datações para um consumo espacial e temporalmente situado, deve ser feita uma exaustiva pesquisa histórica primária, buscando informações que possam indicar tendências do consumo local (jornais, inventários, testamentos, literatura, almanaques, etc.). Um exemplo desta discussão: segundo a literatura arqueológica (Lima, 1995; Majewski & O'Brien, 1987), as louças decoradas por *transfer-printing*, coloridas, caíram de moda na segunda metade do século XIX na Europa, sendo substituídas pelas louças brancas. No entanto, o Jornal Gazetinha, de Porto Alegre, ano

1898, anuncia aparelhos de louça profusamente decorados, conforme se observa na figura 3.

AO PREÇO FIXO

ALGUMAS ESPECIALIDADES DA CASA!

Cutellaria
Rogers, Hamon, Taylor e de outros afamados fabricantes

APPARELHOS DE LOUÇA
Grande escolha, entre os quais os celebres, de 71 peças, com floreados de cor a 1100\$000 rs.

Cestas!
Variadíssimo sortimento de cestas para roupa de criança, para pic-nics, e para flores (destas há infinidade de elegantes feitas).

SERVICO PARACHÁ E CAFE
de fina porcellana, dos mais simples ate os mais completos. Preços sem competencia.

ARTIGOS PARA PRESENTE
Como é sabido a nossa casa possui sempre sortimento completo, para todos os preços e gostos.

rinquedos
Enorme deposito! Briqueados desde os mais baratos. Sortimento sem igual de bonecas.

P. C. PORTO & COMP.
AO PREÇO FIXO

Figura 3 - Jornal Gazetinha, 25/05/1898, Porto Alegre (Acervo Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa).

Essa informação deve ser situada num contexto que principia no início do século XIX, com a constituição de um Estado e de um mercado capitalista incipiente, marcando a construção de uma modernidade no Brasil. Segundo Jessé Souza (2000), a construção da modernidade no país foi marcada por singularidades conforme feições nacionais. Sobre a necessidade de abordagens locais, Mathew Johnson (1999) brinca com o fato de que é muito tentador ver o capitalismo ou suas práticas chegando como um pacote às lojas da América, seja com livros ou lotes de louça de Staffordshire. Embora o capita-

lismo seja considerado como um sistema total, penetrando nos aspectos da vida econômica, social e cultural, e ainda de alcance global, sua contingência pode variar de localidade para localidade. Especificidades culturais, diferentes trajetórias, antecedentes históricos, bem como singularidades locais influenciando escolhas e gostos, devem ser consideradas.

Há um aspecto histórico extremamente relevante para a análise do consumo no Brasil. Após 1850, com o fim do tráfico de escravos e um redirecionamento econômico com relação ao cenário externo brasileiro, segundo Alencastro (1997), houve um grande acréscimo nas importações de bens de consumo e supérfluos. Em 1850, com a inauguração de uma linha regular de navio a vapor entre Liverpool (Inglaterra) e o Rio de Janeiro, “o tempo imperial entra em sincronia com o tempo da modernidade européia” (Alencastro, 1997:38).

Como um exercício e não pretendendo esgotar as possibilidades de análise, a reflexão realizada remete para uma necessária investigação de dados arqueológicos e de informações históricas contextuais.

Como muito bem coloca Lima (2002: 12):

Grande parte do fascínio e da magia da arqueologia histórica (...) reside justamente nas múltiplas possibilidades que os registros arqueológicos apresentam de complementar, confirmar, mas sobretudo de contradizer os registros documentais e, ao fazê-lo, gerar um terceiro nível de informação, nem propriamente arqueológica, nem propriamente histórica, mas profundamente fecundo (Lima, 2002:12).

As informações apresentadas com relação às presenças e ausências da técnica decorativa carimbada e do Padrão Trigal em peças produzidas em faiança fina, recuperadas em sítios arqueológicos de Porto Alegre, apontam para uma abordagem cuidadosa ao se estudar os acervos oitocentistas. Os contextos históricos nacional, regional e local, com todas as suas especificidades econômicas, sociais e culturais devem ocupar um lugar preponderante em nossos estudos e interpretações.

Recebido para publicação em maio de 2009.

Referências Bibliográficas

- ALENCASTRO, L. F. 1997. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F. (org.) *História da Vida Privada no Brasil (vol. 2) – Império: a Corte e a Modernidade Nacional*. São Paulo, Companhia das Letras, pp. 11-93.
- BEAUDRY, M.C. 1984. Archaeology and the historical household. *Man in the Northeast*, 28:27-38.
- CARVALHO, F. 2008. *Porcelana Brasil: Guia de Marcas*. São Paulo, All Print Editora.
- HOBSBAWM, E. J. 2008. *A Era dos Impérios – 1875-1914*. São Paulo, Paz e Terra.
- JOHNSON, M. H. 1999. Historical, archaeology, capitalism. In: LEONE, M. P & POTTER, P. B. (Eds) *Historical Archaeologies of Capitalism*. New York, Kluwer Academic/Plenum Publishers, pp.219-232.
- LEROI-GOURHAN, A. 1972. *Fouilles de Pincevent: Essai d'Analyse Ethnographique d'un Habitat Magdalénien*. Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.
- LIMA, T. A. 1995. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista - História e Cultura Material*, São Paulo, 3:129-191.
- LIMA, T. A. 2002. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, 2:8-23.

LIMA, T. A., FONSECA, M. P. R.; SAMPAIO, A. C. O.; FENZL NEOPOMUCENO, A. & MARTINS, A. H. D. 1989. Aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX. *Dédalo*, São Paulo, 27:83-97.

MAJEWSKI, T. & O'BRIEN, M. 1987. The use and misuse of nineteenth-century English and American ceramics in archaeological analysis. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 11:97-209.

OGNIBENI, D. 1998. *Cultura Material e Vida Cotidiana no Meio Rural do Rio Grande do Sul, no Final do Século XVIII e Princípio do Século XIX: O Sítio RG-23/Barra Falsa, um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS.

RAPOPORT, A. 1997. Systems of activities and systems of settings. In: KENT, S. (ed.). *Domestic Architecture and the Use of Space: An Interdisciplinary Cross-cultural Study*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 9-20.

SANTOS, P. A. G. 2005. *Contentores de Bebidas Alcoólicas: Usos e Significados na Porto Alegre Oitocentista*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS.

SCHÁVELZON, D. 1991. *Arqueología Histórica de Buenos Aires*. Buenos Aires, Ed. Corregidor.

SCHIFFER, M. B. 1991. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque, University of New Mexico Press.

SOUTH, S. 1978. Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. In: SCHUYLER, R. L. (ed.). *Historical Archaeology: A Guide to Substantive and Theoretical Contributions*. New York, Baywood Publishing Company, pp. 68-82.

SOUZA, J. 2000. *A Modernização Seletiva*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

SYMANSKI, L. C. P. 1998a. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre, EDIPUCRS.

SYMANSKI, L. C. P. 1998b. Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 11:71-86.

SYMANSKI, L. C. P. 2002. Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: ZARANKIN, A. & SENATORE, M. X. (org.). *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas*. Buenos Aires, Ediciones del Tridene, pp. 31-62.

THIESEN, B. V. 1999. *As Paisagens da Cidade: Arqueologia da Área Central da Porto Alegre do Século XIX*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS.

TOCCHETTO, F.; SYMANSKI, L. C. P.; OZÓRIO, S. R.; OLIVEIRA, A. T. D. de; & CAPPELLETTI, A. M. 2001. *A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios Arqueológicos de uma Cidade*. Porto Alegre, Unidade Editorial/PMPA.

TOCCHETTO, F. 2004. *'Fica Dentro ou Joga Fora?' Sobre Práticas Cotidianas em Unidades Domésticas na Porto Alegre Oitocentista*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS.

